

Stadium

N.º 192 — 7 de Agosto de 1946 — Esc. 2\$00



FELICIANO

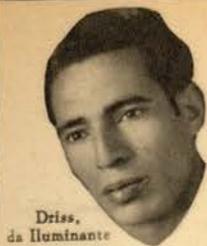
Defesa do Belenenses

A Iluminante

Material electrico
para
todas as applicações

Avenida Almirante Reis, 6
Largo do Intendente, 11 a 17
LISBOA

Rua Passos Manuel, 209
PORTO



Driss,
da Iluminante

VAI COMEÇAR A VOLTA A PORTUGAL

Atenção aos CAMPEÕES!



José Gaspar Paulo,
do Sangalhos

VAI começar no próximo domingo o grande acontecimento que durante muitos dias animará Portugal inteiro: a Volta a Portugal em bicicleta. Pelas estradas do nosso país, desde o sul até ao norte, a mancha colorida dos ciclistas vai deslizar, entre palmas e saudações, surpreendendo pela energia, pela vontade. A ideia do triunfo domina os azes do pedal, admiráveis de valor desportivo, dando generosamente o último esforço para vencer a ladeira íngreme, o último troço de estrada, para chegar, enfim.

Mas esta prova desportiva é uma tentação para os seus brios. Concluída ela o título de campeão que foi um sonho é recebido com alegria. É a popularidade, acarinhada através de Portugal inteiro. Haverá um campeão um vencedor absoluto, mas todos eles, os componentes da caravana ciclista da «Volta», são campeões. Os que chegarem terminarão em beleza a sua prova de grandes atletas, que venceram dia a dia as etapas da grande Volta.

José Martins,
da Iluminante



José Paiz Cabral,
do Sangalhos



Aristides Martins,
do Sporting

Vão viver-se dias de intensa animação e expectativa — a prova apaloxna. E ao lado dos já consagrados, junto ao grupo dos ciclistas já afeitos a provas de maior responsabilidade, vão alinhar os novos, desejosos de se imporem, ânimo transbordante de aspirações. Não-de lutar com ardor, vencer o sol sufocante, a serra áspera, as descidas perigosas. O novos da «Volta»! E' um dos atractivos e neles estão depositadas grandes esperanças. A «Volta» revela campeões, faz ídolos. Todos hão-de recordar o Nicolau e o Trindade e nesse pensamento há uma esperança.

Os gigantes da estrada vão partir, lançar-se em corrida, músculos rijos, vontade forte e um sorriso saudavel ajudando a vencer a estrada.

A «Volta» vai começar. Atenção aos valerosos corredores, onde marcham ainda incógnitos os novos campeões do ciclismo português.

Os vencedores da «Volta» a Portugal

A «Volta» começou em 1927, na distância de 1.958 quilómetros. Houve três categorias com os seguintes vencedores:

Fortes: António Augusto de Carvalho, do Grupo Sportivo de Carcavelos, em 79 h., 27 m. e 6 s.

Fracos: Antonio Marquês, do Grupo Sportivo de Carcavelos.

Militares: João Francisco, da Companhia de Telegrafistas.

A média do vencedor foi de 21 km., 231. Em 1931 disputou-se a II «Volta». Percorreram-se 2.068 quilómetros. Triunfaram:

Fortes: José Maria Nicolau, do Sport Lisboa e Benfica, em 86 h. 48 m. e 32 s.

Fracos: José Joaquim Esteves, do Sport Lisboa e Benfica.

A média foi de 24 km., 620.

A III «Volta» foi em 1932, 2.460 quilómetros.

Fortes: Alfredo Trindade, do União Rio de Janeiro, em 91 h., 31 m. e 38 s.

Fracos: José Antunes Perna, do Sport Lisboa e Benfica.

A média do vencedor foi de 26 km., 263.

Em 1933 — na IV «Volta» — correram-se 2.500 quilómetros.

Vencedor: Alfredo Trindade, do Sporting Clube de Portugal, em 93 h., 11 m. e 22 s. com a média de 26 km., 496.

A V «Volta» foi em 1934, 1.825 quilómetros.

Vencedor: José Maria Nicolau, do S. L. Benfica, em 86 h., 31 m. e 18 s., com a média de 26 km., 653.

No ano seguinte disputou-se a VI «Volta».

Vencedor: Cesar Luis, do Velo Clube «Os Leões», de Ferreira do Alentejo, em 70 h., 6 m. e 44 s., com a média de 20 km., 942.

A VII «Volta» foi em 1938, 2.330 quilómetros.

Vencedor: José de Albuquerque, do Campo de Ourique, em 77 h., 58 m. e 11 s., na média de 29 km., 893.

Em 1939 a VIII «Volta», percorrendo-se 2.617 quilómetros.

Vencedor: Joaquim Fernandes, do Grupo Desportivo da C. U. F., em 80 h., 0 m. e 31 s.

Em 1940 disputou-se a IX «Volta», percorrendo-se 1.806,4 quilómetros.

Vencedor: José Albuquerque, do Sporting Clube de Portugal, em 59 h., 0,9 m. e 27 s., com a média de 30 km., 533.

A X «Volta» disputou-se em 1941, na distância de 2.313 quilómetros.

Vencedor: Francisco Inácio, do Sporting Clube de Portugal, em 74 h., 24 m. e 51 s., e com a média de 31 km., 82.



Joaquim Sá,
do F. C. Porto



João Rebelo,
do Sporting



Aniceto Bruno,
do F. C. Porto



Jorge Pereira,
da Iluminante



Fello Mourão,
do Sporting



Aristides Paulo,
do Lisgás



Onofre Tavares,
do F. C. Porto



José Tavares da Silva,
do Lisgás



Carlos Quadros,
do Lisgás



Djelali,
da Iluminante



Joaquim Morais,
do F. C. Porto



João Lourenço,
do Sporting



Tulio Pereira,
do Sangalhos



Francisco Inácio,
do Sporting



Eduardo Lopes,
da Iluminante

A VOLTA A PORTUGAL

em bicicleta

vista a quatro dias do seu começo

Por GIL MOREIRA



A Volta a Portugal tem sido sempre a prova das revelações. Nesta foto vê-se César Luis em 1933, tentando uma das suas famosas fugas, que lhe deram fama de corredor excepcionalmente fogoso

A Volta a Portugal em bicicleta, essa incomparável manifestação desportiva de interesse para todos os sectores da população do País, começa a disputar-se dentro de dias, após cinco anos de interregno. Surgirá posta de pé segundo princípios já adoptados noutras competições, mas possuindo também características que constituem absoluta novidade. Quer na estrutura geral da prova de agora, quer nos pequenos pormenores de carácter técnico, nota-se que houve a preocupação de aproveitar todos os ensinamentos das anteriores competições e de seguir os conselhos que possam dar a esta nova edição uma mais ampla projecção e um maior valor desportivo.

Há, ainda, é certo, no regulamento geral da prova, determinados pormenores que, se fossem alterados na sua concepção, viriam a dar à corrida uma feição de maior mérito. Todavia, mesmo assim, tal como se apresenta, a XI Volta será, não tenhamos dúvidas, uma das de maior valia no seu aspecto técnico-atlético; a mais completa na sua singular acção espectacular e certamente também a mais «compreensível» pelo público, seja ele ou não desportista.

A mais longa de todas as Voltas

Dado que se torna obrigatória a passagem por todas as capitais de distrito, a prova deste ano será a mais longa de todas as até agora disputadas, ficando como uma verdadeira «volta à nossa terra». Consequentemente, será também a mais difícil. A necessidade de terminar as tiradas nas principais cidades do

País força a delinear etapas com uma quilometragem que excede no conjunto tudo quanto até agora se fez entre nós. E até as próprias meias etapas, algumas indo além dos 100 quilómetros, constituem igualmente tarefa bastante árdua.

Se acrescentarmos ainda à elevada quilometragem o facto de ter de ser percorrida, na totalidade, a parte mais montanhosa do País — meço da Estrela, Barroso, Geréz e todas as serres de Trás-os-Montes, facilmente se depreende que a VI Volta ficará, para a história dos nossos circuitos, como a mais «dura», difícil e de maior valor atlético. Quem a concluir dentro do tempo fixado pelo regulamento já comete proeza de valto.

A de resultados mais difíceis de provas

Porque no lote actual dos corredores portugueses não há ninguém que possua uma classe aparte, antes pelo contrário, existe um núcleo de valores muito aproximados, porque a maioria dos de mais saber são precisamente os que estão já no curso descendente da sua carreira e porque o interregno havido na disputa da prova quebroa totalmente aquela disposição especial que existia em certos corredores, que os obrigava a ser ponderados, hábeis e práticos quando corriam a Volta, e ainda porque a fogaçidade que há-de surgir nos novos — ambicionando evidenciar-se — val proporecionar surpresas, tudo isto tornou difícil os prognósticos e dá à XI Volta um interesse especial, provocando pela incerteza de quem será o vencedor.

Quando existia um Nicolau ou um Trindade, que já antes da grande competição dominavam

os adversários, ou quando despontava um Joaquim Fernandes, um César ou mesmo um Inácio, homens que fisicamente se apresentavam como favoritos à grande corrida, ainda se podia profetizar quem ganharia. Hoje, porém, está-se como no ano em que surgiu José de Albuquerque — uma revelação de escândalo — agravado ainda com a circunstância de haver mais homogeneidade no lote de valores que podem aspirar ao triunfo final. Por isso a corrida deste ano possui este grande atractivo: quem será o vencedor? Fernando Moreira, Eduardo Lopes, Driss ou Djilali, Rebelo, ou mesmo José Martins. — este se correr — todos a poderão ganhar, mas nenhum destes estradistas possui supremacia tal entre si que nos leve a dar favoritismo absoluto.

Inovações de interesse

Técnicamente, a prova deste ano apresenta aspectos de muito interesse, que bastante a hão-de valorizar.

Não havendo equipas definidas — medida acertada porque o ciclismo é modalidade contingente como poucas — a luta será mais árdua porque todos de cada grupo trabalham para os melhores classificados. De lastimar apenas que nem todos os clubes partam em igualdade de circunstâncias quanto ao número de participantes. Mas este pormenor, porque as equipas mais numerosas não são as mais fortes, pode até constituir um dos principais atractivos da Volta — os novos e segundos planos a tenta-

rem desbaratar os grupos adversários, constituídos por «ases».

Existe todavia no regulamento a indicação de que haverá etapas a disputar contra-relógio, por grupos de corredores sorteados, sem se olhar à sua classificação. Esta inovação colocará todos os concorrentes em plano de igualdade, a lutarem para uma melhoria de resultados, e anula até aquele princípio de se tentar defender o «leader». A sorte determinará quem será o companheiro desse corredor na prova contra-relógio e os dos outros estradistas que o despojem na luta para o primeiro posto. Pode ser até que seja um sportinguista que fique forçado a «rebocar» um portuense ou um iluminante que pretenda desalojar um outro «leão» do primeiro posto da classificação geral.

Feliz a ideia de criar bonificações para os homens que concluem as etapas isoladas, dividindo no entanto essa bonificação pelos corredores que cooperem na fuga. E' que, isolar-se um corredor só, torna-se tarefa difícil, sendo dois ou três, a missão fica simplificada. Portanto, a ideia é feliz.

Pormenores a esclarecer

A quem se esquecer de que a Volta a Portugal é uma prova desportiva e que exige dos participantes aquela compostura digna de homens de desporto, serão impostas penalidades. Haverá, todavia, necessidade de fixar antecipadamente qual o castigo que cabe a cada falta, tanto mais que esses castigos, na maioria dos casos, trazem a perda de vantagens adquiridas. Conhecendo os prevaricadores o que lhes poderá suceder, é possível que evitem cometer faltas. Além disso, jamais haverá arbitrariedades.

Também julgamos necessário abolir a proibição das trocas de bicicletas entre corredores, e isto porque é impossível verificar com exactidão se houve ou não troca, dado que as máquinas não são tão seladas.

E já que estamos em maré de alvires, entendemos que se deve permitir ajudas aos corredores na reparação de avarias, isto

(Continua na página 15)



Fernando de Almeida, que se revelou um dos melhores trepadores da Volta, comanda um grupo de que fazem parte João Gomes, Gil Moreira e Eugénio Martins, um «fraco» que chegou a vestir a camisola amarela

Dois casos distintos...

NÃO devemos deixar que se intrigue, como se tem feito, explorando a desistência do F. C. do Porto, em andebol, nos mais variados tons.

Bem poucos compreenderam ou quiseram compreender que a atitude do antigo campeão de Portugal da modalidade revelava claramente um protesto contra decisões que o amesquinham. Poderia o F. C. P. seguir por caminho diferente? Tentou-o, mas não quisera ouvir. Bateram-lhe o pé, dominaram-no, sem querer investigar sobre as suas razões. E, ainda hoje, através de escritos vários — procura-se denegrir a sua desistência da prova. Lamentavelmente.

Demais, o F. C. P. nada tem que ver, por exemplo, com o Vigorosa. Não se confunda, nem «varra a testada» quem pouco tiver com o caso. O facto do Vigorosa protestar um jogo ou jogos tem de colocar-se à margem da questão, que se filia indiscutivelmente em coisas diferentes. O Vigorosa é uma colectividade muito simpática, activa e digna de toda a consideração. Protesta um ou mais jogos? Como os outros. Está no seu direito.

Mas quem considera o protesto e o julga em definitivo não é depois o Vigorosa. Nem os outros clubes que protestem. E aqui é que naturalmente começa a questão. Aprecia-la o Vigorosa «club» é de um bizantinismo raro. Só por brincadeira.

Vejam agora, e para principiar, como se pronuncia Alves Teixeira, director do «Norte Desportivo», desportista sério, desempoeirado, membro do Conselho Técnico da Federação Portuguesa de Andebol. São palavras justas, oportunas. Palavras de um elemento que tem batalhado pela expansão do andebol português e nacional, e a quem não se pode negar conhecimento e imparcialidade.

«Não se pensou em dar ao andebol uma nova organização. Oportunar-lhe horizontes mais largos que correspondessem à popularidade que gozava.

Continuaram os dirigentes e os orientadores a alimentarem apenas uma política mesquinha, toda feita de cordelinhos, com diversos mentores investidos de missões dogmáticas, eles que nem sequer conheciam o abêcê do dirigente.

Minou-se assim o trabalho de muitos anos. A derrocada não veio

logo porque os alicerces eram fortes. Mas lentamente tudo se corrompeu. Os que tinham dado sacrifícios sem conta ao andebol foram-se afastando. Não por cobardia — mas por profilaxia moral.

A persistência tem um limite. De resto os clubes tinham os dirigentes que mereciam. Não reagiam, entregando-se como cordeiros aos pastores que tinham a «perícia de os conduzir.

As consequências aí estão...»

Observa-se que o F. C. P. se viu metido com adversários, — quando ao dirigente não pode consentir-se essa «liberdade». O dirigente pode ter o seu clube. Tudo, certo. Mas nos cargos oficiais que ocupar, nem por sombras deverá influir nas decisões que não correspondam a uma verdade intangível e séria.

Mas continuemos a ler Alves Teixeira:

«O campeonato regional do Porto não terminou. A prova arastou-se porque os dirigentes e os técnicos assim o quiseram. A prova nacional veio a ser disputada em condições anti-regulamentares. Os clubes portugueses foram para a prova por convites, desprezando-se o esforço das equipas do campo da luta.

A doença grassava. Não havia pulso nem senso em quem dirigia. Nem se pense que falamos apenas nos dirigentes da Associação. Falamos nos dirigentes dos clubes e até nas altas esferas da modalidade.

Poderia lá aceitar-se que uma resolução dum Conselho Técnico Federativo fosse anulada apenas porque este ou aquele assim o quiseram...

Para que se procura então escolher para esses conselhos técnicos pessoas que conhecem a modalidade e que ofereçam qualidades bastantes para resolverem em consciência?

Apareceu assim a decisão curiosa do encontro Vigorosa-F. C. do Porto.

Poderíamos nessa altura man-

dar às ortigas o cargo de membro do C. T. da Federação.

Não o quisemos fazer. Se todos desistíssemos, deixando o caminho aberto para que cometessem iniquidades, isto ainda seria pior.

Havemos de deixar o cargo na altura própria, depois de fazermos ver a determinadas pessoas que dentro da modalidade temos sempre procedido de cara levantada e que não nos podem colocar «rabos de palha».

Se quisermos dizer qual é o clube que ficou campeão do Porto, não sabemos.

Poderão dizer-nos que é o Vigorosa e nós, apenas por testemunho de admiração ao esforço do clube das Cavadas, por respeito à serenidade com que o clube se manteve no meio do temporal, aceitamos essa indicação.

Mas quando terminou o campeonato? Já foram julgados todos os recursos e reclamações? »

Alves Teixeira não desistiu. Desistimos nós do cargo de Vice-Presidente da Federação Portuguesa de Andebol, porque outra atitude não poderíamos seguir. Mas isso são contos largos, que havemos de explicar oficialmente.

Com o poder de quem conhece o assunto a fundo, Alves Teixeira continua a «falar claro», à sua moda. E aqui está o dado na ferida:

«Com um campeonato regional tão doentio, epidémico mesmo, como queríamos nós que a prova nacional decorresse?

A barafunda que campeava no andebol português prejudicou os próprios clubes de Lisboa, que

não tinham culpa alguma da nossa desorientação. O campeonato nacional principiou tardíssimo.

Mas como todas essas anomalias não chegavam, ainda vimos a Associação de Andebol do Porto a marcar jogos do decrépito campeonato regional.

Soltámos o alerta. Dissemos a seu tempo que os clubes portugueses, envolvidos no nacional, encontrando-se em posição difícil, necessitavam de todas as forças e cuidados para tentarem ainda o alcance do título.

O interesse material sobrepôs-se ao desportivo. Veio assim o negregado Porto-Vigorosa do regional, ainda da primeira volta.

Viu-se o triste espectáculo que ele ofereceu. Tudo foi desolador nessa jornada sombria.

O F. C. do Porto ficou mais debilitado do que estava. Os dois clubes da nossa terra prejudicavam-se mutuamente.

O resto foi tudo consequência dessa série de precipitações que então se registou.

O F. C. do Porto, está visto, não abandonou a prova máxima com receio de a perder. Com certeza. Saberia por certo concluí-la derrotado, e ao fim de 7 campeonatos nacionais sucessivos não lhe ficaria isso mal. Também o não fez por falta de consideração para com os seus leais adversários. Chegou a escrever-se com muitas reticências maldosas, mas o passado desportivo da principal colectividade portuguesa pode responder bem aos gestos de aborrecimento que lhe quiserem dedicar.

Não se quis ver na altura própria como corriam todas estas questões do andebol português, supondo não haver razão para alarmes, supondo haver queixa infundada parte do F. C. P., — e os resultados estão à vista. Quem sabe, mesmo, se não se teria perdido por completo, e de modo bem grave, o trabalho esforçado de muitos anos?

Repetita-se: — o Vigorosa não pode apreciar a questão. Não se trata, positivamente, de um caso Vigorosa-Porto, embora o simpático e por nós muito respeitado clube das Cavadas tivesse algumas linhas espetadas nos incidentes. Trata-se de uma causa que deve ser apreciada em profundidade. A sua repercussão veio a sentir-se no julgamento de protestos que não queremos agora comentar, — mas não precipitemos os acontecimentos! Não se demonstre, de modo tão expressivo, que se desconhece ou finge desconhecer «o caso do andebol português».

Rodrigues Teles

A XI VOLTA A PORTUGAL em bicicleta

Comunicamos a todos os nossos leitores, que publicaremos a maior de todas as reportagens gráficas da Volta.

Peçam aos nossos agentes a Revista «Stadium» ou à Administração, Travessa Cidadão João Gonçalves, 19-3.

A Iluminante

**MATERIAL ELECTRICO
PARA TODAS AS
APLICAÇÕES**

Avenida Almirante Reis, 6
LISBOA

Ano IV. — II Série

Lisboa, de 7 Agosto de 1946

N.º 192

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

Propriedade da SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3º — Telef. 51146 — LISBOA

Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA
Execução Gráfica de NEOGRAVURA, LIMITADA — LISBOA



A equipa do Académica



O 1.º team do Grupo Desportivo da Casa do Povo de S. Luis, cujo comportamento tem sido brilhante



Luis Maria Ribeiro e Rui Ribeiro de Souza, dois excelentes atletas do União Sport Clube de Paredes

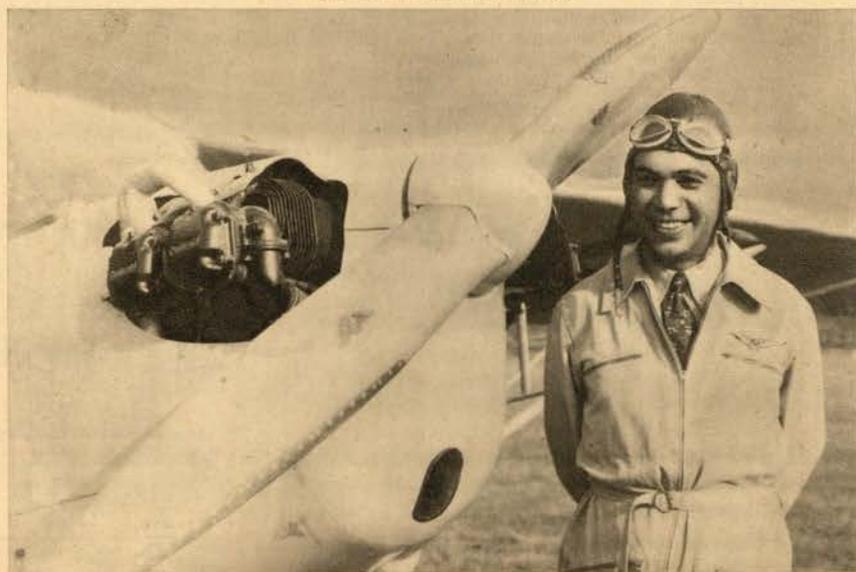
Stadium na PROVINCIA



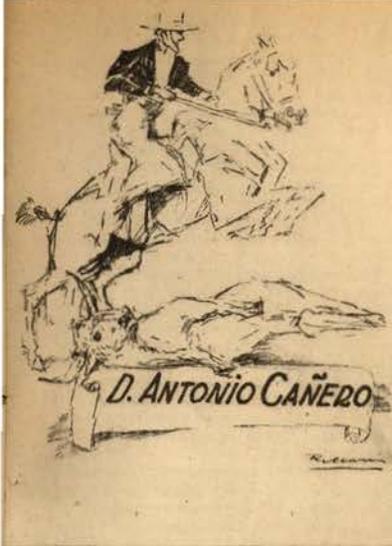
O conjunto do G. D. da Casa do Povo de Azetão: — Valido, Carvalho, Gabriel, Zeca e Silva e o maçagista — no primeiro plano; no segundo — Dimas, António, Pedro, Lucas, Nogueira, Antunes, Gonçalves, Bastos e Jorge



O grupo de basquetebol dos alunos da Oficina de S. José do Porto, campeões da M. P.



Mário Fortes Antigo jogador e capitão do grupo de honra do SPORT CLUBE de MANGUALDE, hoje elemento de grande relevo nos desportos mecânicos pois além de motociclista e automobilista distinto, é também o primeiro beirão que obteve o brevet de piloto-aviador civil



Crónica de **TOUROS**

MÁS notícias chegam de Córdoba e de Sevilha acerca da saúde de D.

António Cañero que na primeira das cidades andaluzas, a sua, tem a casa de campo e, na segunda, uma casinha onde passa temporadas, na Plaza de Santa Cruz do famoso bairro do mesmo nome. Há dois anos que os médicos lhe exigiram o maior sacrificio o de não montar a cavallo. O dinheiro tudo resolve — disse ele com fingida resignação — e comprou variados carrinhos de duas rodas, «aranhas» que tiradas por um cavallo lhe davam ainda o ilusão de montar, «atrelé», como se diz nas terras de França em que foi concursista hipico antes de adaptar as suas qualidades de cavaleiro à festa de touros que já cultivava como «aficionados».

Em tais carrinhos andámos com ele na Feira de Sevilha onde em anos anteriores causava admiração, com o seu cavallo «Aguila Blanca», assim chamado pelas brancas e largas crinas e pelos belos vãos que eram as suas corvetas. Este ano já difficilmente via para poder guiar, e foi apoiado a uma bengala e ao nosso braço que demos alguns passeios antes de jantarmos e quando depois o acompanhavamos até casa. E era com saudade que ambos recordavamos aqueles anos agitados de 1925 a 1928 em que o acompanhámos, ao principio em quase uma centena de corridas, depois naquelas que a sua já ameaçada saúde permitiu, com o coração dilatado pelos excessos, no picadeiro e na praça. Quando com ele viviamos no campo, acordávamos, às vezes ainda de noite, com o barulho dos cavalos que domava, em aturados exercicios que prolongava até à hora de comer, para logo recommençar. E a tudo isto, à luta com os cavalos e com touros, juntem-se algumas colhidas graves e uma peritonite que o teve às portas da morte, connosco à cabeceira. Más são as notícias que nos

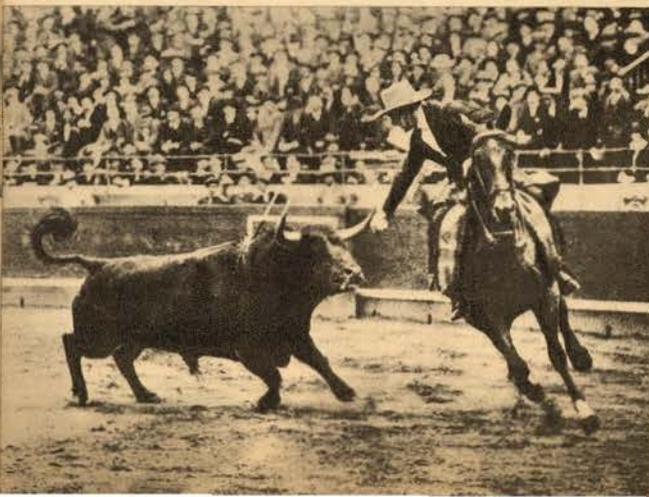
chegam agora e, desejando que se não confirmem, aqui as deixamos, assim veladas, para conhecimento dos muitos amigos que conserva em Portugal, os melhores nomes da equitação, os que conviveram com ele e puderam apreciar os seus grandes dotes de homem e de cavaleiro, e de toureiro sabedor e valente.

No último de «El Ruedo» escrevemos acerca de Cañero uma página que nos abstemos de traduzir, mas fazemo-lo duma crónica que Antonio Heredia publicou recentemente no diário «Marcas»: «E começou com Cañero uma época nova do toureiro a cavallo que teve depois como sucessores a Pepe «Algabeño», a Juan Belmonte e ao actual cavaleiro jerezano Alvaro Domeq. A primeira coisa que Cañero manteve nas praças de touros foi a verdade. Que se lidava então? Touros de cinco anos e quatrocentos quilos? Pois Cañero tomava parte no sorteio com os «espadas», e fazendo-se os lotes como se D. Antonio fosse um matador mais — e era com efeito — e ele lidava e matava, a cavalo ou pé a terra tudo o que saia pela porta dos chiqueiros. Nem rezes emboladas, nem hastes sem pontas, nem novilhos fracos e sem carnes. Dois touros gordos com hostes afiladas e todo o poder que dão a razão e a casta. E, a tourear! A estampa não podia ter maior beleza. Ao abrir-se a porta e aparecer o enorme touro, Cañero corria-o em zig-zag, levando-o pegado à anca do cavallo, e assim cruzava a arena num alarde maravilhoso de cavaleiro e de toureiro sem par. Depois, a arte pura de bem lidar a pé, mas a cavallo, reunindo numa única e ajustada peça o cerebro do homem e a força do cavallo, para fazer da intelligencia e da força a mais perfeita soldadura que se pode sonhar. E Cañero corria os touros a direito, como dizem que fazia Juan Molina, e andava-lhe o passo a passo, de frente, até lhes chegar à cara, como poderia fazê-lo o bandarilheiro mais fino e elegante».

Metta-se por dentro em terrenos inverosímeis, apertadíssimos, e sala com o touro para fora em galope veloz; descrevia circulos em torno das rezes tardas, para as desafiar e convencer que podiam colhê-lo e, quando o touro se arrancava, Cañero, em galope curto, em belo e forte estampa, iniciava quartelos e quebrava a rez, e enganava-a, e acendia-lhe no morrilho a chama vermelha de um borbotão de sangue com a folha de aço do rojão».

Nada acrescentaremos a esta justa opinião, até porque nada temos que acrescentar ao que de D. Antonio Cañero vimos publicado há vinte anos, e porque sempre pareceria suspeito o que escrevessemos agora que de Córdoba e Sevilha nos chegam más notícias acerca do amigo querido. «compañero de fatigas» — como ele diz. Pouco têm que ver os tempos actuais, para mim e para ele, mas que ele melhore para nos vermos ambos, um ao outro.

EL TERRIBLE PÉREZ



Comentarios

Sinais dos tempos

O congresso da Federação Internacional de Futebol, recentemente reunido no Luxemburgo e que foi considerado, tanto pelos assuntos presentes como pelos problemas discutidos, o mais importante dos tempos modernos, mostrou a influência cada vez maior que os conflitos e políticas internacionais exercem sobre a forma de apreciação dos casos desportivos.

As paixões dilam as atitudes e assumiram em cada circunstância e as intervenções preconcebidas obedecem mais aos interesses da política nacional de cada delegado do que propriamente às leis da ética desportiva.

Durante as sessões surgiram alguns artilhos e embaraços e o veterano e simpático presidente Rimel, a quem vai ser prestada homenagem por ocasião do próximo campeonato mundial, teve que empregar todo o seu reconhecido tacto diplomático para desfazer alguns nós na meada do congresso, cujo ambiente reflectiu por diversas vezes os sinais dos tempos tumultuosos que vivemos.

Mais do que nunca, a assembleia da F. I. F. A. foi uma assembleia de nações, com suas afinidades e antagonismos. A política da bola deu por vezes lugar à política, sem mais nada.

Ao fim e ao cabo as coisas foram-se arrumando e os mais importantes assuntos constantes da ordem de trabalhos ficaram resolvidos convenientemente.

Portugal terá ainda de esperar novo biénio para tentar a satisfação da sua já antiga aspiração de trazer a Lisboa os congressistas mundiais do futebol. O próximo congresso, coincidindo com a celebração dos Jogos Olímpicos em Londres, reunir-se-á na capital inglesa, como é de tradição em tais circunstâncias.

A organização do campeonato do Mundo, adiada por um ano, foi confiada — como se esperava — ao Brasil, mas nada chegou ainda até nós quanto à constituição dos grupos eliminatórios de apuramento, problema que interessa sobremaneira aos portugueses.

Dadas as condições especiais de afinidade que nos unem à grande nação irmã sul-americana, continuação gloriosa do Atlântico do génio criador dos portugueses, a presença da nossa equipa representativa na competição própria é indispensável ao nosso prestígio e justificada pela razão histórica.

Se o plano geral da competição ainda não foi delineado, os dirigentes do futebol português têm ante si uma campanha imediata a desenvolver até êxito:

Portugal, pelos seus direitos especiais, deve ser considerado participante directo na competição final do Campeonato do Mundo, sem passar pelas séries eliminatórias.

Crítica dos críticos

A missão do crítico desportivo não se resume a apontar, em cada caso, as deficiências ou os desvios que separam a realidade da perfeição absoluta. Assim seria demasiado fácil, mas improdutivo.

Não vivemos de sonho, vivemos uma existência real, semeada de obstáculos que é preciso conhecer para encaminhar a nossa acção e levar em conta para estabelecer com verdade planos ou julgar com justiça os acontecimentos.

Estes princípios fundamentais

da crítica sensata e construtiva foram há pouco esquecidos por alguns dos comentadores da jornada luso-espanhola de atletismo: uns, que não tiveram a coragem de pôr o nome no remate do que escreveram, substituindo-o por um pseudónimo que não consegue evitar que o rodar da carruagem diga quem vem lá dentro; outros, que inventaram uma competência de ocasião para falar de cátedra e espantar os bons burgueses com a profundidade e pormenor da sua sabedoria.

É indiscutível que a deslocação da equipa em comboio é farragante e condenável, mas foi uma solução de recurso, tomada em última instância quando falhou a obtenção do avião, que fora quase prometido e se considerava certo. Sabemos que os federalivos bateram a todas as portas e nada encontraram; a única proposta condicional recebida trazia o encargo de 200 contos. Só. Saber de que era preciso, sabiam-no os dirigentes portugueses melhor do que os seus censores; mas do saber ao

realizar vai por vezes uma distância intransponível.

Têm razão aqueles que afirmam ter falhado sob certos aspectos a assistência aos atletas nacionais em Barcelona; mas ser justo é dividir as responsabilidades por todos os culpados, sem exceção o amigo, que foi talvez dos que mais se alhearam da incumbência aceite.

Houve exagerada liberdade, é facto; mas sabemos de um atleta que era dos que em Madrid mais se revoltava contra os dirigentes por causa do mau transporte e que, no entanto, na véspera da sua prova principal, entrou no Hotel depois das duas horas da madrugada. Isto, para provar que as palavras não condizem às vezes com os actos e não podemos basear-nos exclusivamente nelas para formar juízo sobre os acontecimentos.

Nunca tão alto subiram os escrúpulos dos técnicos caseiros no referente a cuidados com a equipa: cozinheiro, maçagista, médico, treinadores, tudo devia ir na caravana.

Afinal, os maçagistas nunca faltaram — e os seus serviços mereceram aos atletas elogio que não queremos repetir; foi um médico com a equipa, e felizmente os seus serviços não foram necessários; os treinadores também lá estiveram.

Só o cozinheiro esteve ausente — mas esse, parece-nos que teria sido um luxo de novos-ricos.

Salazar Carneira

INICIATIVAS DA «STADIUM»

Um "match" luso-espanhol em Problemas de XADREZ!

COMO anunciamos no número anterior, vai disputar-se um «match» de Composição de Problemas de Xadrez entre os novos problemistas da Península, prova esta que é organizada pela «Stadium», de colaboração com a

Sociedad Española de Problemistas de Ajedrez.

Seguidamente vamos dar neste número a informação dos temas propostos pelas equipas, aos quais se subordinarão os problemas concorrentes.

Poderão participar neste Torneio todos os nossos problemistas que tenham iniciado a publicação dos seus trabalhos depois do 1.º de Janeiro de 1940. No próximo número publicaremos o texto completo do Regulamento do Torneio.

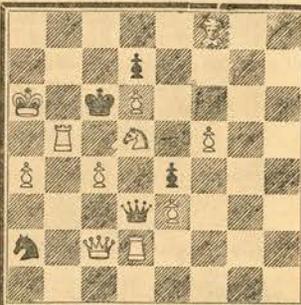
A correspondência relativa a este torneio poderá ser dirigida para Vasco Cosimiro dos Santos, Praça das Flores, e os envios dos Problemas para o «seleccionador» sr. Ral Nascimento, Rua do Comércio, 83.

Temos a grata satisfação de informar os nossos leitores que o distinto problemista inglês, Mr. G. F. Anderson, se associa à nossa iniciativa, aceitando gentilmente o convite que, por acordo de ambas as partes, lhe foi dirigido para assumir o cargo de *intermediário* entre os «seleccionadores» e os jogadores.

Mais uma vez exortamos os nossos problemistas a prestarem o melhor do seu esforço nesta tentativa de firmar a causa do Problema português. Que ninguém falte à chamada!

Tema Portugal

(comp. por J. Cosimiro Vinagre)



FUTEBOL

Na Rússia

EM presença de 80.000 espectadores, realizou-se em Moscovo um desafio sensacional entre a selecção do Exército e os Amigos da Suedslávia. A vitória coube aos primeiros por 1 bola a zero.

Em Inglaterra

CONTINUAM as transferências e as inscrições de jogadores para a próxima época. O clube Grimsby Town conta já com Jim Mc Gowan, interior-esquerdo, cobinado longamente por Bradford e Swansea.

Derby County, vencedor da Taça, desfez-se de algumas figuras importantes: D. Mc Culloch, por exempl., vai para Leicester, bem como T. Egglestone, F. Boulton, para Swindon Town, e Brinton para o Stockport County.

Os próximos encontros internacionais da Espanha

OS nossos vizinhos, além do desafio com a selecção do nosso país e possivelmente de um encontro inter-cidades — Lisboa e Madrid — esperam efectuar na próxima temporada desafios com a Itália, Suíça e Irlanda.

CICLISMO

A «Travessia da Grã-Bretanha»

COM grande entusiasmo iniciou-se em Inglaterra uma maratona ciclista entre Brighton e Glasgow, ou seja num percurso que atravessa a Grã-Bretanha de norte a sul.

A terceira etapa, de 158 quilómetros, desde Wolverhampton a Bradford, foi coberta em 4 horas 58 minutos e 6 segundos, por Harold Binfield. Em segundo lugar classificou-se Mical Peers, de dezasseis anos, em 5 h. 01 m. 26 s. e, depois, Jack Williams, com mais 23 segundos que o ciclista anterior.

A classificação geral estabeleceu-se deste modo: 1.º, o jovem Peers, com 12 h. 56 m. 40 s., no fim de 433 quilómetros; 2.º, Binfield, com mais 49 segundos; 3.º, H. E. Thurgar, em 13 h. 03 m. 14 s.

A esperança escocesa, A. Hendry, está em quinto lugar, com 13 h. 4 m. e 16 s.

A primeira etapa, entre Brighton e Londres (Motspur Park), foi conquistada pelos corredores australianos Alfred Strom (29 anos) e Reginald Arnold (21), vindos expressamente dos antipodas.

O número de concorrentes inscritos que alinharam à partida foi de 52. A distância total do percurso é de 856 quilómetros e compreende a escalada de dois montes de altitude discreta, o Axe Edge (485 m.) e o Holm Moss (526).

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

NOTA DA SEMANA

HULL é um importante porto inglês situado no estuário do rio Humber. Ocupa o décimo segundo lugar na escala populacional das cidades britânicas, e conta mais de trezentos mil habitantes. O seu futebol jamais ultrapassou uma discreta mediania, que salisfez as ambições desportivas da classe piscatória e operária durante largos anos. Hoje, porém, decidiu-se a reagir contra hábitos velhos e conquistar amplo lugar ao sol. A próxima temporada verá um milagre futebolístico: o Hull City F. C.

O primeiro gesto revolucionário dos cuidadores do clube foi a escolha de Frank Buckley, indivíduo cheio de dinamismo, para manager. Elaborou um programa de actividades, pedindo o apoio financeiro da população cidadã, e em três semanas a subscrição atingiu cinco mil e quinhentos contos! Dois meses depois de abertos os caboucos, uma arquibancada que abrigará 10.000 espectadores — com cento e sete metros de extensão... — achava-se concluída.

Entretanto, alerravam o topo sul do terreno vazando quinze mil toneladas de cascalho, e o «peão» surgia do nada. Implantadas as grades divisórias, logo dezenas de voluntários executaram a pintura! Espera-se que, no começo da temporada, a lotação do campo exceda 45.000 pessoas, metade das quais a céu aberto e as restantes sob alpendrado.

Frank Buckley, para que tudo do passado se extinga, modificou as cores do grupo para azul e cor de laranja. Contratou gente nova e dezasseis profissionais de importância, entre os quais uma dezena de irlandeses, Jock Sheen, o avançado do Sheffield United, Billy Bly, guarda-redes do antigo Hull City, Knot, do Lincoln City, etc., etc., farão parte dos novos quadros.

Isto durou três meses a conceber, realizar e concluir. Tudo sem recursos financeiros «básicos», mas com grande dose de energia.

A Imprensa, elogiando o facto, chamou-lhe «milagre de Hull», e, se atendermos à crise grave por que atravessa o povo britânico, tal qualificativo não peca por exagero.

Ponhamos os nossos olhos nesta cruzada rápida e meditemos um pouco no «querer é poder».

A união de vontades disciplinadas, resolvidas à cooperação sem desejo estéril de uma obra pessoal, constituiu realmente uma força.

Como a torrente que arrasta consigo, na voragem, objectos dispersos, também o ânimo do Homem poderá alair para uma boa causa o auxílio do seu semelhante.

Tudo está nas virtudes do impulso inicial.

R. B.

AUTOMOBILISMO

Dois recordes de velocidade em estrada

O corredor inglês, coronel Gardner, estabeleceu em Milão, na auto-estrada que segue desta cidade a Bréscia, pilotando um carro M. G., nova série de recordes de velocidade.

O quilómetro lançado foi percorrido em 15 segundos e 43/100, à média de 233,331 km/hora.

Na milha lançada gastou 23 segundos e 11/100, ou sejam 230,772 km/hora.

Os recordes antecedentes, desta categoria, pertenciam ao corredor alemão Kohlrusch, em 15 s. 92/100 e 28 s. 59/100, respectivamente para cada prova.

NATAÇÃO

Novo recorde dos 100 m. (senhoras)

A nadadora holandesa Nel Van Vliet bateu o recorde do Mundo dos 100 metros (bruços) no tempo de 1 minuto 19,4 s., na piscina de Aalst, de Haia. O melhor tempo anterior pertencia à alemã Gisela Grass em 1 m. 19,8 s.

RUGBY

Os Ingleses no país dos Maoris

A selecção de Inglaterra, que se encontra jogando em digressão pelo continente australiano há perto de dois meses, passou à Nova Zelândia, pátria dos famosos guerreiros indígenas Maoris.

Em Dhristchurch os Ingleses ganharam a South Island por 24 pontos a 12 mas, depois, em Greynouth foram batidos, por 17 a 18, num disputado desafio. É a quarta derrota registada em mais de duas dúzias de encontros.

Recentemente enfrentaram em Wellington um quinze local — os Maoris — alcançando excelente vitória por 32 pontos a 8.

BOXE

Fred Woodcock campeão da Europa

TRAVOU-SE em Manchester o combate entre Fred Woodcock, campeão de Inglaterra, e Alber Renet, campeão da França, para o título europeu de todas as categorias. O francês, apesar da sua reduzida experiência e desvantagem de peso, durou seis assaltos, encaixando uma dose de golpes violentos, que demonstrou a sua capacidade de resistência.

Durante os 2 primeiros assaltos Renet atacou e o britânico teve dificuldade em «digerir» a guarda à direita do adversário. No terceiro, foi violentamente sacudido e, daí para diante, tombou várias vezes na lona até ser contado fora de combate.

Alguns combates em Inglaterra

TOMMY DAVIES, campeão galês dos médios, que resistiu menos de um assalto a Cerdan, conseguiu ganhar a Alby Hollister por abandono ao 8.º assalto.

Cliff Curvis, de Swansea, derrotou por pontos Frank Williams, vingando a única derrota da sua carreira.

... e outros em Espanha

EDUARDO LOPEZ, pugilista galego de estilo lento e sensaborão, vai combater o italiano Livio Minelli, em Barcelona.

Em Madrid, enfrentam-se Pascual Garcia e Valdés, para o campeonato de Espanha dos pesos «leves».

Também deve realizar-se dentro em pouco um combate para o título europeu dos semi-leves entre o espanhol Luiz Romero e o italiano Bonetti.

«FLECHA»

A BICICLETA DOS CAMPEÕES

Stadium



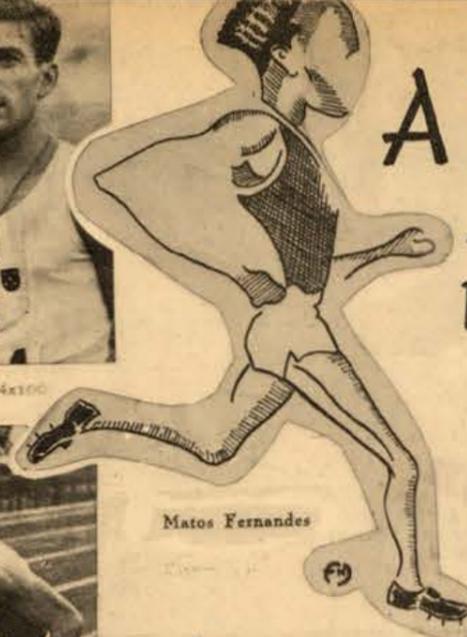
A equipa Paquete-Nuncio-Mendonça-Tameão que melhorou o recorde ibérico dos 4x100 metros



Macias bateu o juiz na partida dos 1500 metros



Francisco Bastos



Matos Fernandes

A ESPANHIA venceu PORTUGAL POR 11 PONTOS de diferença

Os corredores perderam 2 pontos
Os saltadores ganharam 1 ponto
Os lançadores perderam 10 pontos

É preciso confessar desassombradamente que o resultado deste encontro Espanha-Portugal n.º 4, disputado em Barceloua, trouxe uma grande desilusão a todos os portugueses. Havíamos encarado a competição com os nossos amigos e vizinhos, não com leviano otimismo, mas com serena confiança. Feitas as contas, as previsões eram-nos favoráveis e, embora o valor das marcas conseguidas nos campeonatos espanhóis viessem perturbar os primeiros cálculos, todos esperávamos que a vitória fosse difícil, muito mais difícil do que ao princípio parecia, mas fosse apesar-de-tudo uma vitória.

Vencidos, afinal, por número de pontos que, não sendo exagerado, traduz sensível diferença, reconheceremos em primeiro lugar — como todos reconhecem, aliás — que triunfou a melhor equipa, a mais completa, a que dispunha de maior falange de atletas e de mais fulgurantes valores. No entanto, em consciência reconhecemos também que se a sorte houvesse soprado ao revez, isto é, se tivéssemos sofrido os inesperados precalces que nos atingiram e houvessemos beneficiado dos favores do destino que bafejaramos nossos adversá-

rios, o match teria sido ganho pelos portugueses.

Sucedeu conosco o que sempre acontece às equipas que se deslocam, sobretudo sem o ótimo de condições favoráveis, porque os recursos o não consentiram ou as circunstâncias o impediram. A fadiga de duas noites passadas no cambóio, a mudança de regime alimentar, são elementos que pesam, que pesam sobretudo no segundo dia de provas naqueles dos nossos representantes que já no sábado haviam competido: Sampaio Peixoto, Francisco Bastos, Matos Fernandes e João Silva.

Resistiu apenas esse imperturbável Afonso Marques, de espantosa resistência, que encontrou em Barcelona a sua hora e foi, em mérito relativo, o elemento mais destacado da delegação portuguesa.

Há que reconhecer que a Federação pôs o máximo cuidado em compensar por todos os meios ao seu alcance a inevitável fadiga da viagem. Em Madrid os atletas foram levados para um excelente hotel onde todos puderam banhar-se, deitar-se sobre fôfas camas e ser convenientemente massajados.

Ao chegar a Barcelona, as condições foram idênticas e a equipa teve à sua disposição os dois massagistas da Federação Catalã (não tem fundamento o boato de haver seguido com a equipa o massagista de Madrid), cujos serviços mereceram unânimes e calorosos elogios dos interessados.

(Continua na página 11)

SALAZAR CAREIRA



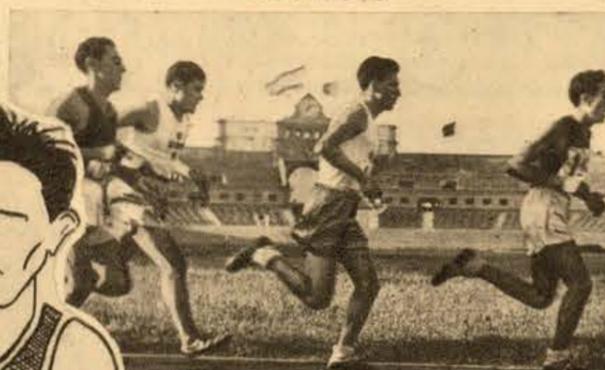
Manuel de Silva



200 metros: Moncho antecede Nuncio de tres metros e está tres um metro de avanço sobre Peixoto. Os tempos oficiais não condizem com estas diferenças



800 metros: Adarraça, Peilato e Bastos chegam em grupo, dentro de tres metros. Outra prova em que os tempos não condizem



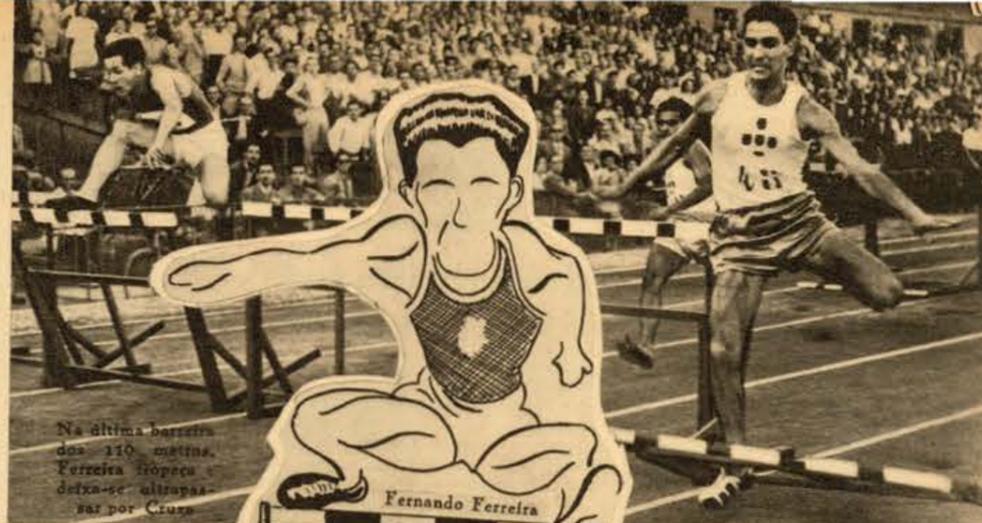
Miganda, Marques, Silva e Ustiaga passam em pelotão durante a memorável corrida dos 5000 metros



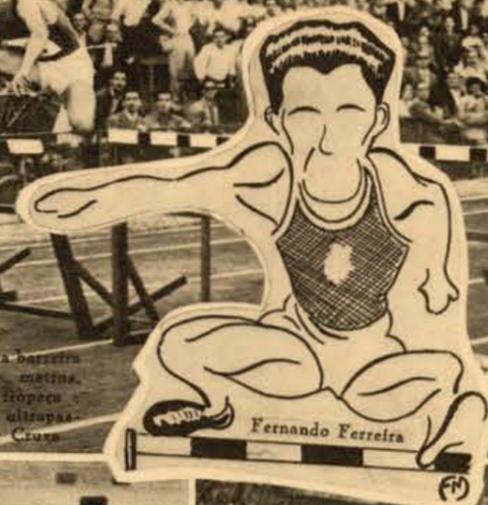
100 metros: Nuncio vence Paquete por um metro; os dois espanhóis vem a igual distância atrás



Afonso Marques e João Silva



Na última barreira dos 110 metros, Ferreira tropeça e deixa-se ultrapassar por Ciano



Fernando Ferreira



400 metros: a chegada de Moncho Rodriguez, que bateu o recorde ibérico da distância

D. Sebastião de Herédia

abandona o desporto onde foi figura de grande prestígio

D. Sebastião de Herédia! Este nome ficará guardado honrosamente na galeria dos desportistas portugueses, atestando a vida de alguém que no desporto tem andado sempre bem alto, quer na sua actividade pessoal ou quando representou Portugal nos melhores torneios desportivos.

Egrímista de excepcional merecimento, D. Sebastião de Herédia honrou o desporto nacional, mercê das suas grandes qualidades — desportista completo que soube prestigiar o seu país no estrangeiro e que entre nós marcou uma posição de especial relevo, mantendo-se em actividade normal no seu desporto predilecto: a esgrima. Até agora, 70 anos feitos, D. Sebastião Herédia frequentou sempre as nossas salas de armas, todos os torneios e campeonatos, em disposição magnífica e sempre fazendo valer o seu nome. Aquele corpo bem ginasticado, o pulso firme, para atacar em golpes de mestre e conquistar vitórias sobre vitórias, deram-lhe, justamente, os mais agradáveis momentos da sua vida, para ele, que tem sido um amoroso das coisas desportivas, para o desporto, que teve em D. Sebastião de Herédia um dos seus elementos mais distintos.

Os melhores campeões, os mais famosos nomes da esgrima renderam-se ao fulgor da arte e da sabedoria com que pegava num florete ou numa espada. Mas não só isso. D. Sebastião Herédia conquistou posição de grande relevo no ciclismo, no remo e no ténis. Até mesmo o automobilismo registou o seu nome como um dos nossos melhores volantes.

Foi esta figura, agradavelmente impressionante pelo seu passado e pela sua vida no desporto português, que há dias se despediu da actividade. Momento rápido, demasiadamente rápido, para quem consagrou uma vida inteira ao desporto. E terminou brilhantemente essa carreira. D. Sebastião de Herédia ligou a sua última actividade ao último campeonato que disputou. Não foi uma retirada previamente preparada. O seu nome, como de costume, apareceu nas inscrições do campeonato de espada. Disputou-o como qualquer concorrente, mas era a sua última prova. Terminava em competição.

D. Sebastião de Herédia afastou-se do desporto levando consigo os louros de lindas vitórias e a designação, honrosa e merecida, de campeão.

Custa-nos — deve pesar a todos quantos ao desporto andam intimamente ligados — que uma figura como D. Sebastião de Herédia se afaste assim, simplesmente, num ambiente demasiadamente modesto. Ao menos alguma coisa

que pudesse gritar um pouco mais alto a contribuição deste homem para valorização do desporto nacional. É um exemplo. E destes exemplos é justo demonstrá-los. Que nos perdoe a modéstia do campeão, a sua personalidade distinta. Mas não constitui D. Sebastião Herédia um prestigioso exemplo de dedicado esforço em pro do desporto nacional? Foram homens como este que ergueram o desporto em Portugal.

Quando o ciclismo estava no auge, quando era o desporto favorito, D. Sebastião de Herédia soube honrar as cores nacionais. Em Paris, nas principais corridas, a vitória pertenceu-lhe e até mesmo o seu nome chegou a ser dado para representar a França nas Olimpíadas de 1896. Mas era português...

No entanto, nas corridas internacionais e nacionais que se disputaram no velódromo de Algés, lá esteve D. Sebastião de Herédia, como também, depois, foi a Vigo com José Bento Pessoa.

Mas a esgrima, especialmente, foi sempre o desporto preferido. Em todos os grandes momentos



D. Sebastião de Herédia, de frente, numa fase do Campeonato Nacional de Espada

da esgrima portuguesa, quer em Portugal ou no estrangeiro, a figura de D. Sebastião de Herédia esteve prestigiosamente presente. A sua classe, aliada ao grande entusiasmo que dedicava ao seu desporto, colocavam-no em posição de relevo, merecidamente, quer quando jogou com o grande Pini, nos salões distintos do Teatro de S. Carlos, em todos os torneios que, a par alturas de 1900, se disputaram na Tapada da Ajuda e na Escola do Exército, ou nos grandes jogos que, individualmente ou formando equipas, disputou em Nice, Monte Carlo — fi-

gurando nos primeiros doze da final entre 200 esgrimistas — depois em Paris, Amesterdão — os Jogos Olímpicos — em Inglaterra, batendo-se com as melhores equipas, vencendo os melhores esgrimistas.

E finalmente, com os seus 70 anos, plenos de energia, em magnífica disposição, D. Sebastião de Herédia terminou a sua actividade desportiva disputando o Campeonato Nacional de Espada.

Exemplo admirável de interesse, de dedicação e grande entusiasmo pelo desporto.

F. S.

NATAÇÃO

NAS DUAS PRIMEIRAS JORNADAS DOS REGIONAIS

O Algés conquistou a maioria dos títulos

AINDA que com reduzida participação de nadadores, a primeira jornada dos campeonatos regionais de natação pura deixou boa impressão, podendo-se, mesmo, dizer que foi uma ótima jornada de natação, no que diz respeito a público — de facto, bastante numeroso — ao entusiasmo com que algumas provas foram disputadas, de entre as quais avulta, como é natural, os 100 metros-costas, principiantes, onde temos a registar novo recorde, e também, pelas características especiais de que se revestiu a corrida dos 1.500 metros-livres.

A ronda de domingo, da segunda jornada, teve a valorizá-la duas proezas individuais de mérito indiscutível, enquadradas num conjunto de «tempos» valiosos, todos eles conseguidos por nadadores da moderna geração, figuras em destaque na natação de hoje, mas,

sobretudo, esperanças radiosas da natação de amanhã.

Guilherme Patroni e Jeremias Simão proporcionaram o melhor momento da tarde, graças à luta empolgante que travaram nos 200 metros-livres, principiantes, e ao fim da qual ambos haviam batido o recorde da distância, com 2 m. 30,5 e 2 m. 31 s., respectivamente. Não devemos, porém, esquecer a bela prova feita por António Galo Alves, cujo «tempo» — 2 m. 34,1 s. — deve ter surpreendido todos aqueles que não acompanhem, de muito perto, o progresso rápido do referido nadador.

Com esplendor e quase matemática regularidade, João Pereira Bastos vai derrubando recordes em série... Domingo, cuba a vez ao dos 300 metros-livres, cuja melhoria é tanto mais para salientar por ter sido batido na passagem para os 400 metros. É natural que o «tempo» dos 400 metros se tenha ressentido do esforço feito com vista ao recorde dos 300, mas, mesmo assim, foi o suficiente

para triunfar com autoridade indiscutível. Pereira Bastos voltou a fazer alarde da sua magnífica regularidade, atacando a distância em bela toada — certa e cadenciada. Passar dos 300 metros em 4 m. 15,4 s., para concluir os 400 em 5 m. 50,1 s., é realmente bom.

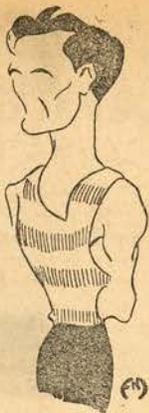
Como boa foi a sua vitória nos 100 metros-livres, prova que não sendo propriamente da sua especialidade, lhe proporcionou a marca de 1 m. 8,5 s., muito próxima, portanto, do recorde da categoria — 1 m. 7 s.

Belmiro Santos, em recuperação de «forma», foi o melhor dos maiores em 200 e 400 metros-livres — dois títulos que lhe assentam perfeitamente. É um nadador que prima, também, pela regularidade e que à medida que a sua condição física for melhorando, nos ir fornecendo, gradualmente, resultados mais valiosos. Bom estilista é um elemento a ter em consideração em provas de meio-fundo.

Abreu Torres

Stadium

O IV Portugal-Espanha



Artur Dias

(Continuação da página 9)

Manda a verdade que se diga porém, que os atletas não foram assistidos, vigiados, amparados, como era de esperar, por todos os dirigentes cuja missão era essa; o dirigente que aceita tão absorvente responsabilidade deve consagrar-se-lhe em exclusivo, com sacrifício próprio, e não pode distrair para outros objectivos de acompanhamento as suas atenções.

Não se nos dá apostar em como os responsáveis técnicos pela equipa nunca verificaram a que hora recolhiam os componentes da mesma. Diga-se em honra dos atletas portugueses que nenhum abuso da liberdade relativa que encontra e raros foram aqueles que ultrapassaram um bocadinho do limite.

A organização do programa das duas jornadas, confiada ao seleccionador espanhol, foi outra desagradável surpresa para os técnicos portugueses quando chegaram a Barcelona, pois, embora pareça estranho, o programa não fora estabelecido com antecedência nem a Federação Portuguesa dele tivera conhecimento.

Matos Fernandes tinha as suas três provas marcadas para domingo e, por curioso acaso, todos os portugueses que participavam em duas provas encontraram a mais longa e fatigante inscrita para sábado: os 400 m. antes dos 200 m., os 1.500 m. antes dos 800 m., os 10.000 m. antes dos 5.000 metros.

Uma reclamação nossa ainda conseguia algumas transposições, mas mesmo assim da forma que menos nos convinha.

Merece ainda reparo a exclusão dos portugueses do Jari; fomos muito mais generosos e desportistas no ano passado em Lisboa. Sempre se aprende na vida.

Antes de entrar na apreciação técnica das provas, queremos realçar o desportivismo e competência do público catalão, que deu um exemplo dignificante de equilíbrio, de justiça e de generosidade nas suas manifestações.

As corridas

100 metros: a superioridade portuguesa foi absoluta, conforme se contava, mas a classificação foi de surpresa, Nâncio batendo Paquete. Repetiram-se, na

inversa, os factos do ano passado: Nâncio, vencedor absoluto durante a temporada, perdeu o título ibérico em favor de Paquete e agora o benfiquista, cem por cento triunfador na distância, perdeu com o rival a prova que por certo mais lhe interessava.

Os tempos são maus; a corrida fez-se contra o vento; já depois do sol desaparecido; os corredores esperaram na pista quase meia hora, entre a chamada e a partida e—factor a considerar—o juiz demorou o tiro depois da voz de prontos muito mais, exagerada e proposadamente muito mais do que é uso em Portugal. Por último, a pistola usada era de calibre grande e fogo visível, o que também influi na acção dos cronometradores.

200 metros: a prova foi corrida em recta e Peixoto não teve pernas—consequência do esforço da véspera nos 400 metros—para fazer a sua prova normal. Os tempos falam com eloquência. O extraordinário poder físico de Moncho Rodriguez, o atleta de melhor classe que existe em Espanha, impôs-se, mas ficou em todos os portugueses a certeza que o nosso Sampaio Peixoto, o verdadeiro, o que se batera no sábado como um valente, teria ganho a corrida. Muito bem, Nâncio, que pelos resultados obtidos se cotou um dos melhores homens da equipa nacional.

400 metros: resultado normal; Rodriguez tinha a vitória assegurada de antemão e a sua corrida foi impressionante, deixando em nosso espirito a ideia de que vale um posto de finalista nos campeonatos europeus. Peixoto lateou com energia e fez boa prova, mas Matos Fernandes partiu com pouca convicção e por isso perdeu talvez o terceiro lugar, a cuja conquista se decidia demasiado tarde.

800 metros: corridos no sábado, teriam dado a vitória a Bastos. Foi a impressão que nos ficou da parte final da corrida. O tempo de Bastos não pode ser exacto: sete décimos de segundo para os três metros que o separavam de Peinto é seguramente exagerado. Lá como cá.

O mesmo se pode afirmar quanto aos tempos relativos dos 200 metros; cinco décimos de segundo entre Nâncio e Peixoto, muito mais próximos do que este estava de Moncho, são paradoxais.

1.500 metros: uma lição para os portugueses. O andamento raro imposto pelos espanhóis quebrou as possibilidades de Bastos, habituado em Portugal a passear durante 1.200 metros e correr apenas os 300 metros finais.

Os espanhóis empregaram-se como deve ser, como se percorressem uns 800 metros mais compridos, ao passo que os portugueses habitualmente, em casa, vão para a prova como se se tratasse de uma légua mais curta.

Tempos intermediários: 500 metros em 1 m. 17 s. e o quilómetro em 3 m. 9 s.

No entanto os nossos representantes houberam-se com brio e perderam com honra; Francisco bateu o seu velho recorde, em 4 m. 9,2 s. e Humberto, cujo final foi fortíssimo, igualou com 4 m. 12,4 s. a segunda marca portuguesa, pertencente a Manuel Nogueira.

5.000 metros: a corrida mais ardentemente disputada do encontro. Luta constante entre os quatro, cada um tomando alternadamente a chefia do grupo e na qual os portugueses queimaram indêteis energias. A tática foi errada e deviam ter recebido instruções para seguir apenas e atacar, se fosse possível, no final do percurso, como Marques fez no domingo.

Tempos intermediários: 1 quilómetro em 2 m. 57 s. por Miranda; 2 quilómetros em 6 m. 2 s. por Marques; 3 quilómetros em 9 m. 11 s. por Miranda; 4 quilómetros em 12 m. 22 s. por João Silva.

Afonso Marques conseguiu bater por 8 décimos de segundo o velho recorde de Manuel Dias; João Silva, em má condição física, ficou no entanto muito perto do seu melhor tempo da época.

10.000 metros: a corrida que mais emocionou os portugueses presentes em Montjuich, tanto pela autoridade de Afonso Marques, afeito a todos os andamentos dos adversários e abalado para a vitória como e quando entendeu oportuno, como pela heróica recuperação de João Silva, passando de último e segundo depois de haver estado a um fio da desistência. Que belo exemplo de vontade, de energia, de patriotismo, deram estes dois rapazes.

Tempos intermediários: quilómetro a quilómetro: 3 m. 2 s., 6 m. 15 s., 9 m. 30 s., 12 m. 48 s., 16 m. 3 s., 19 m. 16 s., 22 m. 19 s., 25 m. 44 s., 29 m. 8 s. e tempo final de 32 m. 23,4 s., a 8 s. do recorde nacional, (segundo tempo português).

Barreiras, 110 metros: o primeiro inesperado percalço da participação portuguesa; Ferreira trazia três metros de avanço na oitava barreira e ao saltar para a seguinte olhou para a direita, à procura de Craza. Foi o suficiente para perturbar o ritmo e tocar na barreira, desequilibrando-se, porque os obstáculos usados eram os atânticos regulamentares e não os brinquedos para criança que servem em Portugal; atingiu a última barreira com o passo trocado, saltou mal e ficou com o pé esquerdo preso por detrás da barra superior da barreira, como se vê na fotografia que publicamos. Quase caiu (as mãos estiveram a pouca distância do solo) e perdeu uma corrida que merecia e devia ter ganho.

André, demasiado inexperiente, sentia o ambiente e foi a sombra de si próprio.

Barreiras, 400 metros: Matos Fernandes venceu com enorme superioridade e repetiu um tempo de classe internacional. A assinalar a prova de Artur Dias, que alcançou 59,1 s., quarto tempo português, apesar da péssima transposição da barreira; tem futuro na especialidade, pois pode baixar dois a três segundos com a aprendizagem da arte de passar o obstáculo.

Estafetas: cada país ganhou a sua, folgadoamente e batendo o respectivo recorde ibérico.

Nos 4x100 metros houve uma tentativa de alguns elementos do Jari para desclassificar a equipa portuguesa a pretexto de ultrapassagem de limite por Mendonça. A coisa não pegou, em parte pela intervenção de Corominas, o mais leal e justo dos dirigentes espanhóis.

Note-se ainda que o tempo da equipa portuguesa foi prejudicado pelo terceiro revezamento, pois Nâncio partia antecipado e teve que parar quase para não exceder a zona de transmissão.

Pontuação total nas corridas: Espanha 53 pontos, Portugal 51 pontos.

Porque esta crónica já vai demasiado longa, deixaremos para o próximo número o comentário aos concursos. Há, contudo,



Paquete

um pormenor que queremos deixar assinalado, que ainda não encontramos nas apreciações da imprensa portuguesa e nos parece decisivo para formular uma conclusão exacta sobre a derrota de Barcelona: os saltadores portugueses somaram mais um ponto do que os espanhóis, o que quer dizer que dos onze pontos que separavam no final as duas equipas, dez foram perdidos pelos lançadores lisitanos.

Não existe, por conseguinte, uma inferioridade de conjunto, mas sim e sempre uma lamentável deficiência de valores naquele ramo do atletismo, onde nunca conseguimos equilíbrio global.

Salazar Carreira

BASQUETEBOLE O LAYETANO em LISBOA



A equipa do Layetano



Belenenses e catalães em disputa da bola



Os grupos do Layetano e do Belenenses



Uma fase movimentada do jogo com o Belenenses



O grupo do Benfica que jogou com os espanhóis

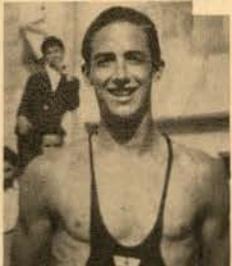


O Layetano e o mixto de Lisboa



Um lançamento dos catalães ao sector do Benfica

NATAÇÃO



João Pereira Bastos novo «recordman» dos 200 m. livres, juniores



Guilherme Patrão e Jeremias Simão que bateram o «recorde» dos 200 m. livres, principiantes

As nadadoras que tomaram parte nas provas da 2.ª jornada dos regionais



Os concorrentes ao torneio de natação entre Companhias de Seguros

As exibições dos basquetistas catalães confirmam a fama de que vinham precedidos. Excelente equipa. Boa técnica.

Já no primeiro encontro disputado — o jogo com o Belenenses — o grupo do Layetano demonstrou bem a sua classe, mas depois, no desafio com o Benfica a equipa catalã soube exuberantemente evidenciar de facto a sua melhor técnica. Trata-se de um grupo que sabe especialmente desmarcar-se e conduzir com vantagem, por vezes desconcertante, as suas jogadas. Execução primotosa.

Os resultados feitos com o Belenenses, Benfica e com o Mixto foram o fim lógico a que se deveria chegar ao fim dos encontros.

É certo que os basquetistas portugueses não puderam opôr aos espanhóis o real valor das suas possibilidades e do seu jogo. Prevista esta viagem do Layetano para Junho, os catalães vietam quando já os nossos grupos pataram de jogar há mais de um mês. Se este portomenor não abafa o valor dos catalães constitui no entanto motivo para julgar-mos que pelo menos os resultados verificados não correspondem à verdadeira posição que o basquete português disfruta.

A actuação dos belenenses dos benfiquistas e do mixto acusou claramente a falta de treino, no que respeita a jogos de competição pois que normalmente e com vista a estes jogos, as equipas seguiram mais ou menos uma preparação.

A par da exibição de conjunto os basquetistas do Layetano trouxeram-nos alguns elementos de extrator inário valor. Navarret, por exemplo, impressionando pela sua mobilidade e certeza nos lançamentos.

A exibição do Mixto português já conseguiu opôr-se melhor aos espanhóis, mas não em todo o encontro. Na segunda parte o Layetano voltou a fazer alarde da sua melhor técnica, empregou-se um pouco mais nas jogadas e venceu com merecimento.

De uma maneira geral esta visita do Layetano foi uma jornada brilhante, para os basquetistas catalães e para todos quantos assistiram às suas exibições, demonstração verdadeira do valor da técnica e da tática num jogo de basquetebol.



Uma fase da corrida dos «amadores»



Domingos Carvalho e Manuel Rocha vencedores da corrida de perseguição, ambos do Académico.

CICLISMO na POVOA do VARZIM



Os «independentes» na corrida «australiana»



Os «independentes» em corrida



Os «amadores»



NATAÇÃO no PORTO

1 — Os concorrentes aos 1.000 m., da Associação Portuense de Natação.
 2 — António Maria Pereira, do F. C. do Porto, o vencedor.



A camisola de ciclismo do F. C. P.

É da maior oportunidade este assunto: — a camisola de ciclismo do F. C. do Porto. Vai começar a Volta a Portugal em bicicleta, e os corredores portugueses vão para a prova com uma camisola que ninguém conhece — porque nada diz.

Há tempos falámos do assunto nestas colunas e apontaram-se então as vantagens de vestir aos atletas do popular agrupamento «a sua verdadeira camisola». Não queremos dizer que deve ser uma camisola de tecido igual à do futebol. Nem deveria nem poderia ser. Mas julgamos que a cor e o desenho da camisola do futebol poderiam aplicar-se admiravelmente, servindo assim a propagação, que necessariamente interessa defender numa corrida de tamanho vulto.

Se ainda há tempo para isso, pense-se uma vez mais no caso. A camisola de meia manga (até a do futebol deveria ter meia manga, com uma gola toda branca ou toda azul) — dizia bem que o F. C. do Porto estava representado...

Uma bela notícia

DENTRO de muito pouco tempo, talvez de algumas horas, terão os portugueses algumas novidades francamente boas. Os portugueses, ou melhor dizendo: — os milhares de adeptos do F. C. do Porto. Está tudo preparado para festejar a feliz notícia, que alegrará estrondosamente. Trata-se, como é bem de ver, do Estádio do F. C. do Porto.

O sr. dr. Luís de Pina, ilustre presidente da Câmara Municipal desta cidade, falando no posto emissor «Ideal Rádio», foi claro nas suas informações aos desportistas portugueses. A eles já não oferecem dúvidas as palavras de optimismo que proferiu Sua Ex.^{ta} e, por nossa parte, julgamos saber que tudo se resolverá esta semana na Capital. Nisso está também empenhado, além do ilustre presidente da Câmara Municipal, o sr. Governador Civil do Porto, figura que conquistou igualmente as simpatias da população desportiva da cidade.

Esta bela notícia, quando transmitida oficialmente, encherá todos os corações azuis e brancos de íntima satisfação. E porque não todos aqueles que amam devotadamente a sua terra?

Arrumadas todas as questões preliminares, sempre embaraçosas, evidentemente; escolhido o terreno depois de muita batalha; ouvido o sr. Ministro das Obras Públicas, que prometeu toda a colaboração necessária; e conseguida a simpatia das entidades mais responsáveis — chega-se ao fim da questão. «Não era sem tempo» — poderá dizer-se. Mas não é lícito julgar que o caminho não estivesse erigido de dificuldades. Estas coisas, tratando-se de caso tão importante, não podem resolver-se de «pé para a mão», tão rapidamente como se quer. O que importa é resolver o problema.

Este, felizmente, caminha para a solução, como já denunciámos. Se quando sair este arrazoado não for conhecida a notícia, vinda de cima, aguarde o leitor mais uns dias ou horas. Podemos garantir-lhe que é bom estar alerta...

ALBERTO BRITO

e a organização do futebol

Alberto Brito, seja qual for a ideia que dele formem determinadas pessoas do futebol, tem mantido no seu lugar de presidente da A. F. do Porto uma independência que a todos os sectores da cidade tem agradado. Os clubes estão com ele, conhecem as suas qualidades de trabalho e de inteligência, e por isso o acompanham sem ser necessário «explorar» a baixo ou alta política da bola.

Estava o presidente da A. F. do Porto, há dias, na Capital, a fim de se avistar com a Federação, e tivemos ocasião de o ouvir antes da partida. Não houve entrevista. Quando muito duas falas entre pessoas que se estimam e se compreendem há vários anos.

O presidente da A. F. P., que se fazia acompanhar pelo secretário geral, Orlando Sousa, não levava na sua mala ideias que pudessem estabelecer confusão nas alas esferas da bola. A A. F. P. é uma entidade que cultiva a doutrina disciplinar, e o seu presidente é indiscutível pioneiro dessas virtudes. Sabe o que pretende. Para onde vai. E até sabe, com certeza, que o quiseram molestar proposadamente, não há muito, por clímax da sua clara inteligência em questões de defesa dos interesses dos clubes e do futebol português.

A A. F. P., segundo sabemos, vota pelo alargamento da Divisão Nacional e pela eliminação da «Taça». Se pensasse de outro modo, sucederia este facto curioso: — o público do Porto passaria domingos sem futebol...

Já se pensou a sério neste problema?

O público divorciar-se-ia da competição. É do futebol. Com manifesto prejuízo da organização, da propaganda — de tudo. Os regionais, resolvidos certos problemas também são necessários. A «Taça», nem tanto. De mais e mais, sabendo-se que a sua conquista depende de muitos e variados golpes de sorte.

De qualquer modo, o futebol português está muito bem entregue a Alberto Brito. Nunca um elogio foi tão justo e oportuno. O presidente da A. F. do Porto não precisa de palavras louváveis e nem as solicita. É ponderado, criterioso, inteligente, e não defende campanhas. Não precisa de se pôr nos bicos dos pés, e nem se mostra intransigente em presença das razões alheias.

Não cede, porém, quando sente que os justos direitos da sua Associação estão em perigo. Podem vencê-lo — que isso não importe. Alberto Brito mantém-se firme e digno, alheio a beliscaduras de qualquer natureza!

Agora há a certeza. Pelas palavras de Arlur infere-se que está animado e disposto a produzir trabalho de vulto. Bem o pode. O conhecido internacional trata o futebol por tu, e por isso não custa acreditar no seu papel de treinador.

Oxalá. Pinga tem no Porto e no país muitos admiradores que o desejam ver bem.

Mosaicos nortenhos...

GOMES DA COSTA está ainda no pensamento dos portugueses. E aguarda-se, por isso, que venha a comparecer nas fileiras do clube, na próxima época. Sem falhar nos campeonatos e seus jogos.

Se assim sucedesse, não seria tão notada a falta de Artur de Sousa.

OS PREPARATIVOS para a nova época seguem no seu ritmo normal. Não admira, portanto, que nos «mosaicos» de hoje se fale muito em jogadores de futebol.

CAIADO vai frequentar, no Sul, uma escola de milicianos. Em Tavira ou em Oeiras, segundo parece.

O SÁLGUEIROS sofreu nova baixa. O seu médio-centro, possivelmente o elemento de mais categoria do actual momento, nas suas fileiras, foi deabalada para Elvas. O popular clube português não é poupado. E não se queixa. O que não aconteceria se qualquer dos seus atletas quisesse ingressar, por exemplo, no F. C. do Porto...

O F. C. DO PORTO ainda não pensou em dispensar seja quem for. Não sabe com o que conta e, por isso, toda a cautela é pouca... Consta, entretanto, que Octaviano sairá do Porto, indo jogar para um modesto grupo da Província.

CORREIA DIAS não deverá jogar para o ano. Já se sabe que o popular e correto jogador tem sobre o futebol de competição ideias próprias, como excelente amador, e decidiu desistir.

Claro que se o F. C. do Porto, em qualquer emergência, necessitar do seu concurso, — ninguém o duvida — teremos Correia Dias...

DOIS ITALIANOS de boa categoria estão propostos para a equipa do F. C. do Porto. Perguntar-se-á: — Ceros? Pelo menos tão caros como os bons amadores portugueses.

E mais ainda: — não será necessário, com certeza, tanta complicação e... aldrabice.

O ACADÉMICO, que voltou à 1.ª Divisão Regional, reforçará o seu grupo com muita gente nova. Algumas surpresas. O leitor verá e seu tempo como trabalhou o Académico, em segredo. Ainda nos parece a solução mais acertada.

HA um jogador de S. João da Madeira que interessava ao Porto. Logo o Benfica cobriu a oferta. (Sim, porque os «ofertas» continuam). O Porto foi para novo preço. O Benfica — subiu. O Porto — insiste. E o Benfica também. E assim por diante. Uma loucura.

E ainda há entranças para pedidos de transferência que se justificam, pela sua serenidade!...

Artur de Sousa

no papel de treinador

Artur de Sousa — vai dar novo rumo à sua carreira desportiva. Passará a ser treinador do F. C. Tirsense, simpática colectividade de Santo Tirso, e sabemos o assunto devidamente arrumado.

Artur, numa situação especial neste novo cargo, vai com certeza entender-se admiravelmente com os seus pupilos e com os seus directores. De resto, segundo nos informam, Artur de Sousa (Pinga) desempenhará outras funções numa importante Empresa na linda vila do Minho.

Constou, entretanto, que o Boavista lhe dirigira ou ia dirigir um convite para tomar a seu cargo a preparação das suas equipas de futebol. É o próprio Artur quem responde nestas palavras:

— Não pode esquecer-se, de nenhum modo, que joguei 17 anos no Futebol Clube do Porto. Amanhã poderia julgar-se, e com razão, que eu fora ingrato. Não. Nada disso.

— É quanto a Santo Tirso?
— Isso é outro caso. Dei novo rumo à vida. O Tirsense é clube amigo, e o seu presidente um admirável desportista. Trata-se de uma colectividade modesta, muito fora do grupo dos chamados «grandes clubes». Tenho fé, todavia, no seu aperfeiçoamento técnico.

É pronto. Artur de Sousa, o grande jogador do futebol português, vai agora entrar no grupo dos treina-

Uma época sem brilho nem acção

Impõe-se que os actuais campeões arrisquem os seus títulos durante a temporada

ENCONTRA-SE a presente temporada do boxe profissional prestes a atingir o seu período culminante, isto é, a quadra mais propícia para realizar bons espectáculos ao ar livre.

Infelizmente, não se topam quaisquer indícios de actividade, nem pelas páginas da imprensa nem nos centros mexeriqueiros habituais. A azáfama natural dos empresários cedeu o passo a uma quebrada indolência tropical, reveladora da força de inércia e travamento que subjuga os interesses reais do boxe, submetidos à pressão autoárbitra de vaidades rancorosas.

Os organizadores — como esta palavra nos soa a estranho e usada no plural tem sabor hiperbólico! — sujeitos aqui, como em nenhum outro país, a subordinados impeditivos e proibitivos de exercer o seu mister dentro dos limites de uma disciplina sensata, ou se submetem à dureza de classes megalómanas ou arruam os projectos a um canto, resumindo as fações.

Os maledictos deste odisséia por que passa presentemente o pugilismo profissional já os havíamos previsto a seu tempo. Estavam escritos na parede, como uma sentença do profeta Daniel, *mane, thecel, phar's* das coisas do boxe.

Encontramo-nos na vereda da desorganização parcial e da, tal-

vez, completa ruína do pugilismo. Não vemos organizadores que se disponham a arriscar esforços e dinheiro sem a menor segurança, obrigados, sempre que for conveniente, a subscrever cartas de mea-culpa redigidas *ad-hoc*.

Falhando as empresas capitalistas, o boxe pára; os pugilistas passam a ser uns «desempregados» e tudo volta ao ponto morto que todos conhecemos, até surgir um Beni Levi ou Camarão que injecte seiva nova e energias frescas na modalidade.

Isto vem repetindo-se periodicamente, mas jamais interessou as altas esferas.

Outro assunto que merece ser posto em foco é o dos títulos, tornados propriedade privada e

quicé definitiva dos actuais detentores.

Na noite de 5 de setembro de 1945, vai fazer um ano, Jorge Larsen ganhou a Beni Levi o campeonato nacional dos «meio-médios», por pontos. Até hoje não o arriscou no «ring», embora desafiado por Wilson para tal efeito.

Outro campeão crónico é Miguel França, detentor do emblema dos «leves», que em três anos só pôs em disputa o campeonato duas vezes: contra António Silva e António Mateus.

Agostinho Guedes, campeão português dos «semi-pesados», abloca para os Estados Unidos, onde se encontra tombando pretos semanalmente, e passará à posteridade campeãozíssimo sem tréguas.

Licínio Passos, o mais representativo «meio-leve», aguarda que alguém lhe conteste os direitos ao título, embora pronto a discuti-lo com os seus rivais.

Temos aqui, prezado leitor, quatro cartas gordas do magro baralho boxístico nacional. Se tudo continuava vogando ao sabor do omnipotente e omnisciente vontade do Olimpo — aos deuses, com o calor, derrete-se a massa cinzenta... — veremos os campeões portugueses «congelar» os títulos sem que, ao menos, devam pô-los em jogo uma vez, no prazo

de 365 dias seguintes à conquista do emblema da supremacia.

Levi, por exemplo, merece ser indicado oficialmente como aspirante ao título dos «meio-médios»; Guilherme Martins, outro tanto, em relação a Miguel França; Soasa Júnior, o mesmo com Passos, etc. Enfim, descongele-se e ponha-se em andamento o pouco que resta do caravano.

Que os ginetrários andem para diante em vez de travarem; impulsivem em lugar de retardar; agitem e não aquietem, são as necessidades do pugilismo e os nossos votos.

O boxe está paralisado e ama das causas é ter servido de escola prática dos dirigentes. Para o arejar, nada nos parece melhor e mais propício que pôr os titulares deante do dilema de arriscar os títulos. O público espera por isso e reclama conosco a execução de uma receita oferecida gratuitamente...

Em resumo: agite-se o desbaratado e desiludido «batalhão» de boxadores portugueses, atraia-se o público com programas que tenham qualquer significado desportivo e deem-se às empresas as liberdades a que têm direito sem abusar da autoridade.

Rafael Barradas

Um facto a fusão do

CHELAS, FÓSFOROS E MARVILENSE

Um novo clube surgia!... Chelas, Fósforos e Marvilense decidiram, finalmente, unir os seus destinos e formar um grande clube de desporto.

Lisboa, na sua importante zona oriental, vai ter um novo clube, decisão sensata, iniciativa que e há-de prestigiar, pelos feitos e nova colectividade no campo do desporto, pelo entusiasmo dos arristados. O seu clube pode acantar as melhores esperanças quanto à posição a alcançar no desporto nacional.

As assembleias que na mesma noite — 31 de Julho de 1946, amata a recordar — funcionaram nos três clubes registaram extraordinária animação. A ideia de fusão, sua necessidade e seu valor, pairava no espírito de todos. Percorremos-os, observando momentos do ambiente. Era excelente, dedicadamente afeto à ideia da fusão. Um ou outro país apegado aos pergaminhos do seu clube de sempre não cheava para demover a firmeza a opinião que entusiasmadamente pairava em todas as assembleias.

O movimento fusionista decorreu em perfeita ordem. No Chelas foi mais renitente a resolução; se bem que a maioria aplaudisse a fusão. Mas houve polémica rija. Entretanto, ao fim

e ao cabo, conheceu-se a resolução: 158 votos a favor e 48 contra.

A reunião dos Fósforos decorreu plena de calma. Uma figura: o sr. Mário Marques, que dirigia o Fósforos durante 25 anos, falando à assistência acerca da sensata ideia da fusão. Um exemplo de bom senso. Depois, 163 votos aprovaram a fusão contra 9.

O Marvilense colocou-se igualmente ao lado da fusão, 188 votos contra 2 explicaram o pensamento dos sócios do simpático Marvilense quando à ideia.

De forma que é um facto o Clube Oriental de Lisboa — nome que em princípio se julga seja o escolhido.

Terminam em glória as vidas de três populares clubes que do desporto, especialmente ao futebol, deram tudo quanto lhes foi possível: dedicação, entusiasmo, contribuição valiosa para propaganda da causa desportiva. Quando amanhã surgir de facto o novo clube, quando ao vento forte do ideal desportivo a sua bandeira se agitar, há-de haver sempre um pensamento de simpatia para o Chelas, o Fósforos e Marvilense, que a bem do desporto uniram seus destinos, para maior glória e prestígio do grande ideal.

A Volta a Portugal

(Continuação da página 2)

quando se tratar de avaria de certo valor. Porque não é um estradista qualquer que pode ou sabe montar um crenque ou um pedal quando este se partir no decorrer duma etapa.

Os amadores — inovação de aplaudir

A inclusão da categoria de amadores nesta Volta vai constituir um dos mais fortes motivos de interesse, sendo ao mesmo tempo iniciativa merecedora de franco aplauso, pelo que terá de proveitosa para a velocipedia.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Custo por número...	2\$00
3 meses, Esc. ...	26\$00
6 » » ...	52\$00
12 » » ...	104\$00

Uma Volta é prova de características especiais para revelar valores, aperfeiçoando-os na prática da modalidade e dando-lhes um saber e experiência que elles nunca adquirem nas provas de lata numa só época. Além disso, a participação dos amadores torna possível que clubes modestos possam figurar na prova, sendo também excelente como meio de espertar o interesse pelo ciclismo nos centros populacionais onde residem, nasceram ou se criaram os cidadãos corredores.

Jante-se a estes factos ainda o que consistirá a luta ardorosa que esses amadores irão travar — pois haverá na prova um lote de estradistas de valor muito equilibrado e outros que constituirão verdadeiras revelações — e ajíze-se dos motivos de agrado que eles nos irão proporcionar. E, assim, a XI Volta ficará rodeada dos maiores tranfos para ser a mais bela, a mais importante e a melhor de todas até agora organizadas.

Gil Moreira



Henrique Calado e Duarte Silva em continência após dos «Saltos em pé»



Os alunos premiados com os seus instrutores

Um festival hipico no DEPOSITO de REMONTA

CONSTITUÍRAM uma magnífica jornada hípica os trabalhos finais do Curso de Instrutores de Equitação realizados, há dias, no excelente hipódromo do Depósito de Remonta em Mafra, presenciados por um público muitíssimo numeroso.

O êxito alcançado pôs em evidência o valor dos instrutores tenentes Miranda Dias, Rhodes Sérgio e Henrique Calado, superiormente dirigidos pelo capitão Correia Barrento, e a boa aptidão dos alunos, tanto do 1.º como do 2.º anos que levaram a bom termo os variados números do programa sem um um deslize, sem uma falha.

A organização do festival a cargo do Major Manuel Salvação, comandante do Depósito de Remonta, proporcionou à assistência agradáveis momentos, durante os quais nos foi dado verificar o grau de aperfeiçoamento dos instruídos e a excelência de métodos dos instrutores.

Pode dizer-se afoitamente que tudo decorreu bem e que os aplausos fortes e espontâneos do público, foram lógico reflexo do seu agrado.

O programa foi vistoso e variado e além dos trabalhos em escola, que marcaram pela correcção que foram executados pelos alunos do 1.º e 2.º anos do C. I. E., tenente Freire de Andrade e alferes Rodrigo da Silva e Cruz Azevedo, houve números que pela sua dificuldade provaram exuberantemente o valor profissional destes oficiais.

“Pilões”, exercício demonstrativo da firmeza na sela, “Saltos por Tres”, que requerem absoluto domínio na montada, “Saltos em pé”, com toda a sua enorme dificuldade,

“Jogo da Rosa”, aparatoso e alegre, foram números seguidos com grande interesse que decorreram com inextinguível correcção.

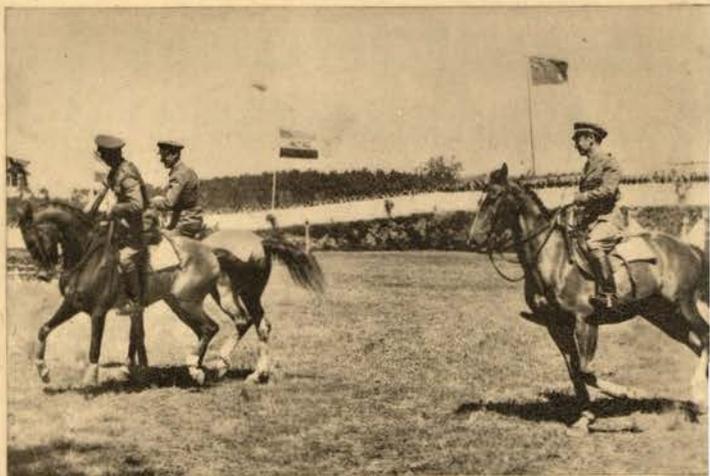
Por fim, e depois de feita a apresentação dos cavalos que serviram para os trabalhos do Curso, disputaram-se duas provas de obstáculos — uma, “Direcção da Arma de Cavalaria”, para os alunos do C. I. E., a outra “Seis barras”, apresentando instructores e alunos em franca camaradagem.

Da primeira, que decorreu com entusiasmo saiu vencedor, e muito bem o alferes Romeiras que na “Alerta”, conseguiu o mais rápido dos dois percursos sem faturas.

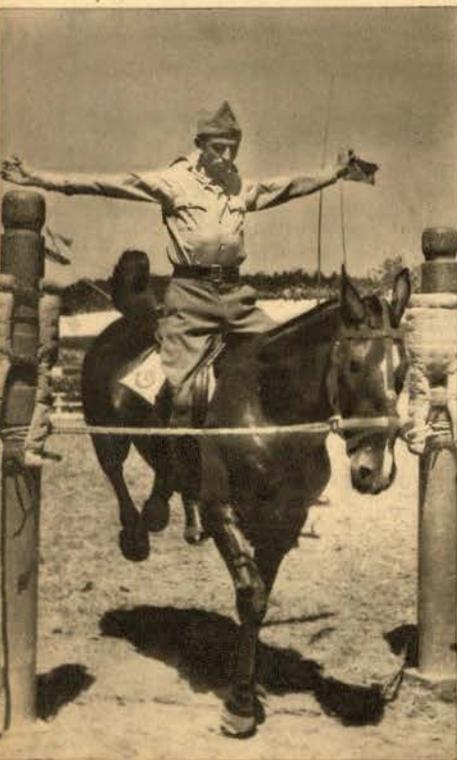
Nas “Seis barras”, de início a 1.ª 10 mas que subiram no decorrer das “barrages”, até 1.ª 50, o triunfo pertenceu ao velho “Magul”, que o alferes Duarte Silva montou admiravelmente sem um derrube.

Os cavalos de maior nomeada foram sendo eliminados das diferentes fases da prova, sómente acompanhando o vencedor até ao fim o “Segur”, montado o melhor possível pelo alferes Craveiro Lopes.

Os trabalhos finais do Curso de Instrutores de Equitação, que foram presididos pelo Subsecretário de Estado da Guerra e por grande número de oficiais generais, constituíram um verdadeiro êxito, daqueles que dificilmente se esquecem.



Uma fase do «Jogo da Rosa»



O alferes Vasconcelos Porto, do 1.º ano do C. I. E. no decorrer dos Exercícios de «Pilões»



Stadium



Flecha

a bicicleta dos campeões

A ILUMINANTE

Stand FLECHA

Largo do Intendente - Lisboa



2\$00